

MARÉ DE NOTÍCIAS

140

DOUGLAS LOPES



‘Violência não nasce aqui’

Congresso internacional reúne especialistas, moradores da Maré e público em geral para refletir sobre como colocar a favela e a produção de dados independente no centro do debate sobre segurança pública.

PÁGINAS 4 E 5

Sufoco: altas taxas de endividamento preocupam brasileiros, especialmente as mulheres chefes de família.

PÁGINAS 10 E 11

‘Pisei no cocô!': andar pelas ruas e calçadas do conjunto de favelas da Maré sem sujar o calçado é um desafio antigo.

PÁGINA 12

40 anos da Vila do João: conjunto habitacional erguido pelo Projeto Rio é marcado pelo crescimento vertical.

PÁGINA 13

Arte nossa

Depois de conquistar o público em Paris (França) e de uma temporada em São Paulo, Lia Rodrigues traz para a Maré seus premiados espetáculos de dança que nasceram na favela.

PÁGINA 3



SAMMI LANDWEER

MATHEUS AFFONSO



Insegurança constante

Construídas de madeira e tubulações, passarelas 6 (Fiocruz / Vila Do João) e 11 (Ramos) que ligam a Maré ao outro lado da Avenida Brasil deveriam ser provisórias, mas ganharam caráter permanente após anos sem conclusão.

PÁGINAS 6 E 7

EDITORIAL

Segurança pública é um tema caro à favela em muitos sentidos. Um levantamento feito ano passado pela equipe da deputada estadual Renata Souza (PSOL), cria da Maré, apontou que o Rio de Janeiro investe 43 vezes mais na área de segurança pública do que em políticas de assistência social. Os números são do Portal de Transparência Fiscal do próprio estado. Mas quem está recebendo os dividendos disso? A população favelada está em uma situação melhor por causa desse investimento?

Entre os dias 10 e 12 de agosto, o 1º Congresso Internacional Falando sobre Segurança Pública na Maré colocou o povo periférico no centro do debate sobre o assunto. A proposta foi aproximar as reflexões dos especialistas dos moradores da Maré e demais interessados no tema. Debater fatos como, por exemplo, o do Rio não ter um planejamento para a área da segurança pública (e nem mais uma secretaria específica), mas contar com um orçamento que ultrapassa R\$ 11,9 trilhões.

Essas discussões sobre segurança pública — que é atribuição do Governo do Estado — são essenciais, especialmente com a proximidade das eleições de 2022. Quem apoia a continuidade da atual conduta das polícias? Quem são os maiores prejudicados nessa “guerra” sem vencedores? A atual ausência de estratégia e foco no conflito têm gerado resultados favoráveis? São perguntas e reflexões fundamentais para guiar as nossas escolhas. O congresso foi encerrado com um debate entre candidatos ao cargo de governador do Rio de Janeiro. Você pode conferir nossa cobertura no link: <https://bit.ly/CongressoMare>.

Esperamos que você esteja bem ao receber a edição do mês de setembro no Maré de Notícias. Fique à vontade para compartilhar conosco sua crítica, sugestão ou elogio. Nosso contato de WhatsApp é: (21) 97271-9410. Uma boa leitura, fique de olho no nosso no site e até a próxima edição!

EU, LEITOR - VICTORIA CARVALHO

Independência

Independência do Brasil
Ouço muito disso falar
Mas quando dizem o nome do país,
o que me leva a pensar?
Hipocrisia, desigualdades, racismos
Negros escravizados, castigados
Indígenas em cativeiros, sem direitos.
Bicentenário dessa independência
Que para tantos é inexistente
Negro sendo condenado,
só por ser negro
Indígena clamando por respeito,
é sua cultura a sua gente.
Para essa comemoração,
não há motivação, só decepção.
Mas isso vai mudar, com esperança e amor

Sou a voz da resistência,
lutando pela verdadeira independência!

*Poesia recitada no 1º Congresso Falando sobre Segurança Pública para Crianças e Adolescentes da Maré, por **Victoria Carvalho**, aluna do Preparatório da Redes da Maré*

EXPEDIENTE

REALIZAÇÃO:

redes da maré

PARCERIA:

act:ona id

MARÉ
DE NOTÍCIAS

R. Sargento Silva Nunes, 1012
Nova Holanda - Maré
Rio de Janeiro - RJ - CEP: 21044-242
www.mareonline.com.br
maredenoticias@gmail.com
contato@maredenoticias.com.br

APOIO:

16 Associações de Moradores da Maré

EDITORA EXECUTIVA E
JORNALISTA RESPONSÁVEL

Jéssica Pires

EDITORA

Tamyres Matos
(Mtb 32434/RJ)

COORDENADORES DE
DISTRIBUIÇÃO:

Joee Lins e Silva

Lenny Aquino

Lucas Frederico Brandão

Thuany Vieira Nascimento

DISTRIBUIDORES:

Cristiane dos Santos

Diego Alves

Jonathan Ribeiro

Larissa Oliveira

Pedro de Oliveira

Renata Gomes

Vagner Moreira

Valdemir Gomes

COLABORARAM NESTA
EDIÇÃO

Andrezza Paulo
Dani Moura
(Mtb 24422/RJ)
data_labe
Edith Medeiros
Hélio Euclides
(Mtb 29919/RJ)
Jorge Melo
Luiz Menezes
Samara Oliveira

FOTOGRAFIA

Douglas Lopes
Gabi Lino
Matheus Affonso
Sammi Landweer

REVISÃO

Julia Marinho
PROJETO GRÁFICO

Mórula_Oficina de ideias

DIAGRAMAÇÃO

Filipe Almeida

IMPRESSÃO

Gráfica Tribuna

TIRAGEM

50 mil exemplares

OS ARTIGOS ASSINADOS NÃO

REPRESENTAM A OPINIÃO

DO JORNAL.

PERMITIDA A REPRODUÇÃO

DOS TEXTOS, DESDE QUE CITADA

A FONTE.

Acompanhe o Maré de Notícias na internet!



@maredenoticiasoficial www.mareonline.com.br
 @maredenoticias (21) 97271-9410
 @MareNoticias maredenoticias@gmail.com

GARANTA O SEU JORNAL!

O Maré de Notícias é entregue de porta em porta nos 47 mil domicílios das 16 favelas da Maré. Se por acaso não chegar na sua casa, avise-nos pelo WhatsApp (21) 97271-9410, via redes sociais (@maredenoticias) ou ainda pelo email contato@maredenoticias.com.br e confira se na associação de moradores de sua favela não tem um exemplar para você. Ajude-nos a melhorar nossa distribuição! Contamos com todos os mareenses!

Após conquistar Paris, Lia Rodrigues traz espetáculos de dança para a Maré

Premiados, *Fúria* e *Encantado* terão apresentação com entrada franca no Centro de Artes

SAMARA OLIVEIRA

Depois de apresentações durante o tradicional Festival Outono de Paris, na França, e do Festival de Curitiba, no Paraná (com passagens pela Bienal de Fortaleza e uma temporada no SESC Pinheiros, em São Paulo), chegam à Maré os espetáculos *Fúria* e *Encantado*, da bailarina e coreógrafa Lia Rodrigues. O palco escolhido será o do Centro de Artes da Maré (CAM), com entrada franca.

Desde fins de 2021, quando os franceses se encantaram com o trabalho da coreógrafa, o retorno da filha pródiga era esperado: os dois espetáculos nasceram no território.

“É sempre muito especial poder estreiar finalmente e as temporadas das duas últimas criações da companhia: *Fúria* tornou-se real em 2017 e *Encantado* veio ao mundo, em 2021. Entre os dois, aconteceu a terrível crise sanitária provocada pela pandemia de covid-19. Como sempre, desde o início da minha parceria com a Redes da Maré, em 2004, fizemos todo o processo criativo, estreia e temporada no Centro de Artes da Maré”, conta Lia.

Encantado é uma apresentação com referências de culturas africanas e indígenas. A coreografia reúne 11 bailarinos, que utilizam 140 cobertores para formar imagens no palco. A produção surgiu no contexto da pandemia de covid-19 e nas-



Centro de Artes da Maré receberá balés premiados que nasceram no conjunto de favelas e fizeram sucesso em Paris e outras regiões do Brasil

ceu do desejo de usar a magia como guia do processo criativo que acontece nesse momento dramático em que vivemos no Brasil.

Fúria, por sua vez, traz ao espectador um mundo povoado de imagens de dor, beleza, violência, opressão e liberdade, expondo a ideia da reinvenção de um corpo social a partir das suas energias primitivas. O espetáculo foi premiado pela Associação Paulista de Críticos de Artes (APCA) em 2019.

Quanto mais arte, melhor

A Lona Cultural Herbert Vianna é o único equipamento público de cultura da Maré. Em contrapartida o CAM, assim como coletivos voltados para cultura no território, continua trabalhando para estimular eventos desse tipo na região. Sobre as ações para promover a arte na periferia, Lia ressalta a importância de incluir este tipo de espetáculo na rotina das vidas das comunidades e dos investimentos necessários para que isso aconteça.

“Constato na nossa prática diária que ações com continuidade conseguem estabelecer e fortalecer a existência desses espaços tão importantes para a cidade do Rio de Janeiro. E é claro que um projeto dessa natureza necessita de constante investimento. Para isso, as parcerias que a companhia e a Redes da

Maré conseguem estabelecer com diversas instituições brasileiras e internacionais garantem a manutenção e também as melhorias que temos realizado nesses anos”, afirma a coreógrafa.

Entre os bailarinos da companhia está Ricardo Xavier, de 27 anos. Morador da Maré, ele fala sobre a emoção de se apresentar no próprio território pela primeira vez desde que integra a companhia.

“Ainda não tive a experiência de dançar no Centro de Artes da Maré, que é minha casa, onde eu vivo até hoje. Então sigo com muita ansiedade para mostrar pra Maré que eu estou aqui ainda, lutando, resistindo e dançando tanto por mim como também por todos nós. Eu só sou tudo isso porque a Maré me deu muitas coisas”, diz o bailarino mareense.

CONFIRA A PROGRAMAÇÃO DAS APRESENTAÇÕES

Fúria

De 23 de setembro a 2 de outubro
Sextas e sábados às 20h

Domingos às 19h

Encantado

De 7 a 16 de outubro
Sextas e sábados às 20h

Domingos às 19h

Entrada franca



Apresentações de *Fúria* e *Encantado* ocorrerão na Maré em setembro e outubro

Favela protagoniza debate sobre segurança pública

Congresso internacional reuniu especialistas, moradores da Maré e interessados no tema para refletir sobre o lugar da periferia no combate aos efeitos da violência armada

ANDREZZA PAULO*, HÉLIO EUCLIDES,
LUIZ MENEZES* E TAMYRES MATOS

Sons de helicóptero, sobressalto, medo. Mais um dia de operação. Moradores das favelas Parque União, Nova Holanda, Parque Maré e Rubens Vaz foram acordados — mais uma vez — na madrugada do dia 11 de agosto sob a tensão de uma incursão policial. Poucas horas depois, iniciava-se o segundo dia do 1º Congresso Internacional Falando sobre Segurança Pública. Teoria e vivência se encontraram no maior conjunto de favelas do Rio de Janeiro para discutir o protagonismo da periferia nesse debate.

A proposta do congresso, que teve como tema “Segurança pública e violências: contradições, controle social e desafios para garantia de direitos estruturantes”, foi a de fazer chegar as reflexões dos especialistas aos moradores da Maré e demais interessados no tema. Foram três dias de rodas de conversa, partilhas e apresentações, ocorridos no Centro de Artes da Maré (CAM).

A produção de dados sobre a violência armada nas favelas nasceu da necessidade de quantificar e mensurar as informações não divulgadas pelo Estado. “Ao produzir dados e esses conhecimentos, a gente consegue colocar a favela como sujeito da sua própria história”, diz **Pedro Paulo dos Santos**, coordenador de pesquisa do laboratório de dados LabJaca.

Camila Barros, coordenadora do Projeto *De Olho na Maré*, abordou a importância dos dados, frutos do trabalho que desenvolve na Redes da

GABRIELINO



Com diversas mesas de debate, congresso contou ainda com debate entre candidatos que disputam o cargo de governador do Rio nas eleições de 2022

Maré. Há seis anos, o projeto coleta e sistematiza informações sobre as situações de violência no território mareense, principalmente em dias de conflitos armados decorrentes da atual política de segurança pública do estado do Rio. “O projeto *De Olho na Maré* surgiu da inquietação de não ter esses dados. Sem eles, a gente não consegue propor políticas alternativas para esse território”, explica.

Jovens discutem segurança

“Muito tiro, pouca aula e muita operação. Sem aula e muitas pessoas mortas. Fim”. Esse é o relato de uma criança entre as 1.500 autoras das cartas entregues, em 2019, ao Tribunal de Justiça (TJ-RJ). Os pequenos pediam a volta da Ação Civil Pública, que contempla direitos e reconhece a importância das vidas das pessoas que moram na Maré.

Algumas dessas cartas estavam expostas no Congres-

so Falando sobre Segurança Pública com Crianças e Adolescentes da Maré, evento ocorrido antes da abertura do congresso principal, com a participação de crianças e adolescentes. Os jovens participaram de diversas dinâmicas, dividindo-se ainda em cinco grupos para discutir cidadania e organizar propostas de segurança pública para os territórios. O abertura do congresso contou ainda com uma passeata pelas ruas da Maré.

O desejo de candidatos ao pleito eleitoral que tenham um olhar para a favela no campo da segurança pública foi unanimidade entre os participantes do evento. “O abraço da minha mãe é o lugar onde eu mais me sinto segura, porque aqui na Maré não temos segurança para nada”, resume **Vitória Machado**, aluna do Preparatório da Redes da Maré.

Naturalização da violência

Participante da roda de conversa *O Contexto da Violência Armada na Maré*, a assistente social **Fernanda Viana**, de 41 anos, acredita que a realização do evento foi um grande passo para mudar a estrutura à qual a população periférica está submetida. Mãe, preta e moradora da Maré, Fernanda ressalta a incidência precoce da política de (in)segurança pública nos corpos pretos.

“Vejo uma estrutura que precisa de muito engajamento político dos cidadãos. Porque essa é uma política que, diferentemente das outras, não foi embasada pela participação popular. Aqui no congresso somos nós a falar, a produzir. A violência não nasce aqui, não somos pessoas violentas. Somos pessoas violentadas”, desabafa.

Consenso entre os participantes dos três dias de evento, o protagonismo do favela-



CAL GUIMARÃES

Segundo lugar nas pesquisas eleitorais, Marcelo Freixo compareceu ao evento na Maré; atual governador, Cláudio Castro, não aceitou o convite

do é essencial para o avanço do debate. Para o coordenador do LabJaca, a produção de conteúdos governamentais e acadêmicos é feita a partir do olhar de fora da periferia, colocando-a sempre no lugar de objeto.

“A favela é pesquisada. É muito comum ter pessoas que vem até aqui, para suas produções, mas só enxergam a favela desse jeito, como lugar de coleta de conhecimento e não de contribuição, de produção. É sempre objeto, e como tal acaba não recebendo nada de volta para melhorar a realidade desses territórios”, analisa.

Para Pedro Paulo, conhecimento não se dá somente na academia. A produção dos dados precisa estar alinhada com as iniciativas sociais e com a vivência, e voltada para quem realmente está nas favelas. Esse olhar também é conhecimento e pode ser produzido em cada casa, por cada morador da favela. No contexto de violência, Pedro Paulo dos Santos é incisivo. “Quem não pauta, é pautado. Construir esse conhecimento é produzir política. Estamos preocupados em incidir na realidade social e favelada”, afirma.

A mareense Camila Barros acredita que o morador de favela não tem nem mesmo o direito de planejar sua própria vida no cotidiano, pois pode haver uma operação policial em seu caminho: “Se não se posiciona, não disputa essa narrativa, a gente vai ser pautado pela narrativa que sempre foi trazida para a favela nessas ações: a do crime.”

Fundador e ex-diretor da Redes da Maré, o sociólogo **Edson Diniz** ressaltou a importância da realização de eventos como esse na construção de outra sociedade possível, reiterando a urgência de não naturalizar as violações de direitos nas favelas. “As chacinas nas favelas continuam acontecendo porque continuamos a normalizá-las. A favela sempre foi estigmatizada, vista como o lugar do crime. Precisamos produzir conhecimento para acabarmos com esses estigmas”, conclui.

Vidas impactadas

Entre 2017 e 2021 aconteceram 132 operações policiais e 114 confrontos entre grupos armados no conjunto de 16 favelas da Maré. Juntos, esses 246 momentos de violência armada causaram 157 mortes e interromperam por 94 dias o funcionamento das unidades de saúde e, por 70 dias, as aulas nas escolas da Maré.

O ativista **Raul Santiago**, cria do Complexo do Alemão, analisa como o acesso à segurança pública não é pensado para moradores de favelas e periferias: “Na prática, somos vistos como inimigos da segurança. A segurança pública não chega para a gente. Quando ela entra na favela é na figura de um fuzil e de um carro blindado da polícia”.

Independentemente de decisões judiciais, a rotina de operações policiais segue seu curso, sendo a chamada “guerra às drogas” o principal motivo utilizado pelas polícias para a violação

de direitos nos territórios periféricos. “A ‘guerra às drogas’ é a manutenção do racismo. Guerra está para os pretos, pobres e periféricos. Já as drogas estão para todos”, avalia.

E ele vai além: “Bala perdida é uma falácia para reduzir os homicídios nas favelas.” Santiago chama atenção para a rotina de pais e mães que vivem nas favelas: “Eu enquanto pai tenho que treinar meus filhos a se proteger de tiroteio. Isso é a coisa mais absurda”, revolta-se.

Saber da favela

A pesquisadora **Carolina Christoph Grillo**, coordenadora do Grupo de Estudos dos Novos Ilegalismos da Universidade Federal Fluminense (GENI-UFF), percebeu que a polícia se recusava a quantificar as operações policiais e viu que precisava produzir, dentro da esfera acadêmica, os dados que o Estado se negava a entregar.

“O grupo que pesquisa a violência letal das operações policiais e as chacinas, e ainda monitora e avalia as ações da polícia e de grupos armados, encontrou resistência inicial na academia para abordar as vertentes relacionadas a esse tema. A articulação com movimentos sociais e instituições ligadas à população periférica e sociedade civil foi um grande ganho”, avalia.

Para a doutora em antropologia, os dados produzidos passaram a responder perguntas que moradores de favela e movimentos sociais sempre fizeram, além de, através do acúmulo desse conhecimento, impactar o debate público e disputar relevância com a imprensa. “É gratificante poder discutir estes temas nas favelas e nas universidades”, revela.

O ingresso de alunos negros e favelados no meio acadêmico possibilitou o aumento de pautas como o racismo e as violências vividas nos territórios periféricos. “Quando democratizam o acesso à universidade pública, a gente socializa as questões dignas de debate público. A partir daí conseguimos avançar e colocar a universidade pública a serviço do interesse público”, conclui.

**Comunicadores do Laboratório de Formação em Jornalismo do Maré de Notícias*

Insegurança constante na passarela

Construções feitas de improviso fazem parte da história dos mareenses há mais de uma década

EDITH MEDEIROS*

Construídas em madeira e estruturas metálicas, as passarelas 6 (Fiocruz / Vila Do João) e 11 (Ramos) que ligam a Maré ao outro lado da Avenida Brasil deveriam ser provisórias, mas são utilizadas há muitos anos. Pregos soltos, corrimãos enferrujados e degraus que rangem indicando que podem romper a qualquer momento são motivos de preocupação e medo das pessoas que precisam passar pelo local. A solução definitiva, porém, ainda não veio.

No caso da Passarela 6, desde 2011 (ou seja, há mais de uma década) o caminho “provisório” conecta a Vila do João à Fiocruz. A estrutura precisou ser erguida às pressas por conta do deslocamento de 300 metros do ponto do ônibus. As obras para a construção da passarela permanente no local ainda nem começaram.

Morador da Vila do Pinheiro, **Lucas Feitosa**, 23 anos, relata as dificuldades de atravessar a via, que usa desde que se mudou para a Maré, há seis anos. “Já quase caí várias vezes porque ela é de escada, de degrau, não tem rampa”, diz. Lucas afirma que o perigo aumenta quando chove; segundo ele, é tudo tão improvisado que não se sabe se foi obra da Prefeitura ou dos ambulantes que trabalham no local: “Tiraram os corrimãos, bo-



Estruturas precárias deixam apreensivas as pessoas que precisam utilizar as passarelas para se locomover de um lado a outro na Avenida Brasil

taram de madeira também, uma coisa de aparência totalmente irregular.”

A solução dada na época pela antiga gestão da Secretaria Municipal de Obras deveria ter sido paliativa, mas sobreviveu ao tempo. A passarela range, ameaça cair, obriga a longas caminhadas, mas sobrevive em seu status de permanente, embora seu aspecto a denuncie como provisória e temerária.

Medo e insegurança

Para **Eliane Lopes**, 42 anos, moradora da Vila do João, a passarela é perigosa, insegura e um risco

para toda a população. Ela menciona a falta de peças ao longo da estrutura: “Por diversas vezes eu vi faltando degraus de madeira e os ferros que ficam na lateral para gente poder se apoiar.” Elaine destaca ainda o perigo de um pedestre cair, justamente por não haver um corrimão por toda a extensão da passarela.

Para fugir do risco, os moradores podem recorrer a outra opção: uma passarela de concreto construída para o BRT TransBrasil. Ela fica a quase 300 metros de distância da temporária, mas divide a opinião dos moradores, obrigados a andar por um trecho considerado inseguro.

“Ficamos entre a cruz e a espada, tendo que escolher se arriscar atravessando uma passarela provisória que não tem infraestrutura, que corre risco de desabar, ou utilizar a outra passarela, a do BRT, e sofrer uma agressão de um morador de rua, ser assaltado e andar na escuridão toda que tem ali. É difícil saber qual o risco maior, o que é pior”, desabafa Eliane.



MATHEUS AFFONSO

Comerciantes do entorno das passarelas veem seus ganhos cada vez mais reduzidos devido à indefinição da situação

Eterno temporário

Já a Passarela 11, localizada próxima ao Parque União, é dita “provisória” desde 2017. Mesmo com cinco anos, seu estado de conservação era tão precário que ela foi substituída no ano passado. A ironia: os moradores ganharam outra passarela provisória. A Prefeitura do Rio preferiu pagar o aluguel pela solução temporária em vez de

investir numa via definitiva.

E mesmo isso só aconteceu depois que a comunidade da região do Complexo do Borgauto e Chaparral, em Ramos, protestou pela insegurança da velha passarela, apoiados pela garantia constitucional prevista no artigo 5, inciso XV da Constituição Federal: a liberdade de ir e vir.

Com medo de cair no meio da pista lá embaixo, os

moradores eram obrigados a caminhar de 800 metros a dois quilômetros para alcançar uma das passarelas próximas. E mesmo a solução provisória nº 2 não aumentou a confiança de uma travessia segura.

Para **Lindiana Oliveira**, 43 anos, tanto a passarela de concreto antiga quanto a temporária de ferro não oferecem segurança. Não há rampas de acessibilidade e as passagens são estreitas. “Duas pessoas não conseguem passar juntas, se uma estiver descendo tem que esperar a outra subir”, detalha. Ela frisa o medo que sente de cair e lembra que quase tropeçou uma vez no outro lado da passarela, local de difícil acesso: “Cadeira e carrinho de bebê jamais passam ali.”

Os comerciantes que atuam nas imediações da Passarela 11 relatam que

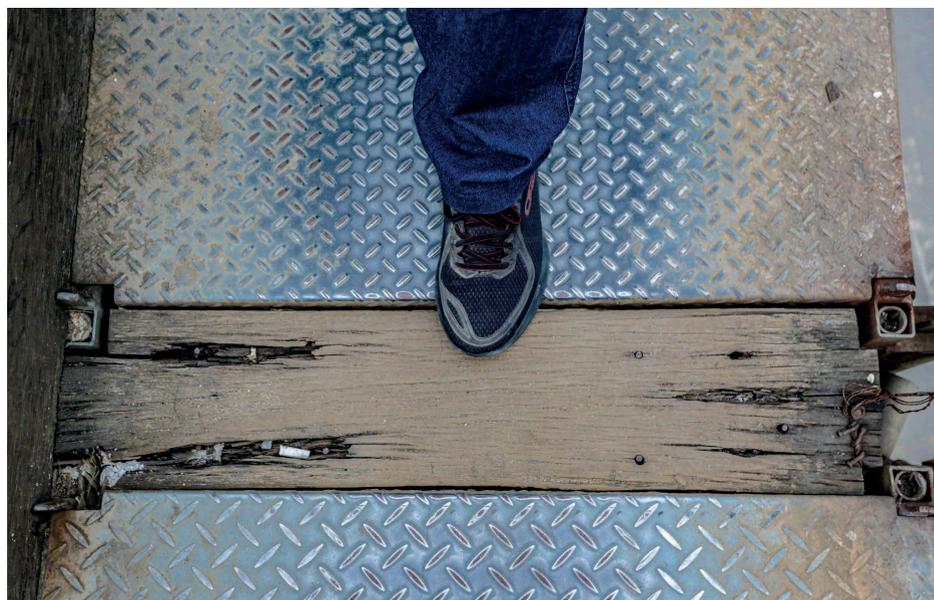
todos os prazos dados pela Prefeitura do Rio anteriormente já expiraram; o movimento diminuiu desde que essa passarela foi montada. “A diferença é bastante grande de quando a estrutura era permanente. As vendas caíram pra caramba, mudou tudo”, diz **Antônio Constantino Alves**, 62 anos. Ele espera que as vendas voltem ao nível anterior quando a nova passarela for finalizada.

Obras da TransBrasil

A Secretaria Municipal de Infraestrutura informou que as obras do BRT TransBrasil irão contemplar a construção das passarelas 6 e 11, com término de obras previsto para o fim deste ano. Ainda segundo a secretaria, a substituição das vias provisórias pelas permanentes deveria ter sido feita em 2017, ainda na gestão anterior. Os projetos foram retomados em agosto do ano passado, seguindo o cronograma da nova administração municipal.

O entorno da Passarela 11 está atualmente em obras, dando esperança aos moradores de que finalmente terão uma passagem permanente para chamarem de sua. Já a passarela próxima à Vila do João segue da mesma maneira desde 2011: precariamente provisória e sem sinais de reforma.

**Comunicadora da primeira turma do Laboratório de Jornalismo do Maré de Notícias.*



MATHEUS AFFONSO

Feitas em madeira, as passarelas 6 e 11 que ligam a Maré ao outro lado da Brasil

Arte para a descolonização

O painel de imagens da edição de setembro do Maré de Notícias destaca o trabalho da artista **Stefany Vital da Silva**, mareense de 23 anos. Produtora cultural, pesquisadora, artista multidisciplinar e gestora do brechó Jeans Ancestral, a colagista mora na Rubens Vaz. “Eu me considero e me afirmo como redatora dos saberes daqueles que vieram antes e de quem está por vir”, diz.

“Inicialmente a minha identificação com a colagem vem antes mesmo de saber que seria uma conexão com o saber ancestral. Aos 10 anos eu utilizava colagens para encapar os cadernos escolares que recebia da Prefeitura pois não me identificava com eles. Minha mãe, à época, não tinha uma condição financeira tão boa para investir em cadernos de personagem. Na ausência da identificação e na não identificação, comecei a usar a colagem para me expressar”.

Stefany conta que a relação com as múltiplas facetas da realidade tem, na história dos seus familiares — em boa parte, nordestinos da zona rural da Paraíba — “um encantamento para manter vivas nossa história e memória”. Para unir meios como fotografias, relatos orais, saberes dos mais velhos e tecnologia, ela usa “a técnica da colagem como ferramenta de comunicação de sentidos; que seja importante e grandioso para quem vê”.

Confira o trabalho de Stefany nas imagens a seguir:





Endividamento sufoca brasileiros

Pesquisa mostra aumento das dívidas especialmente entre as mulheres, hoje maioria entre chefes de famílias

HÉLIO EUCLIDES E JORGE MELO

Não é assunto preferencial à mesa do jantar. As pessoas não gostam de falar sobre, como se tivessem culpa por não dar conta dos aumentos nos preços dos alimentos, do gás de cozinha, da gasolina, dos transportes, dos aluguéis... O segundo semestre de 2022 começou com recorde de endividamento e inadimplência entre a população brasileira: em julho, 78% tinha algum tipo de dívida, segundo a Pesquisa Nacional de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC), realizada mensalmente pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC).

Endividamento e inadimplência são duas palavras incômodas. Apenas 12% da população está livre delas; o restante luta diariamente para equilibrar o orçamento em meio a falta de dinheiro, contas atrasadas e juros do cartão de crédito que se acumulam, virando uma bola de neve. O quadro não é nada animador para a maioria das famílias brasileiras.

Victor Paulo Costa Piva, 26 anos, é solteiro; seus dois filhos pequenos moram com os avós. Ele trabalha como ajudante de pedreiro e mecânico de motos, somando uma renda mensal de R\$ 2 mil. A casa

própria na Favela Marcílio Dias (Kelson's) permite reduzir os gastos, já que não paga aluguel. Mesmo assim, gasta R\$ 1.200 mensalmente somente com boletos e dívidas, como R\$ 170 do telefone celular, R\$ 70 com energia e o financiamento de uma motocicleta. "Não tenho contas atrasadas, mas peço dinheiro emprestado aos parentes e amigos, R\$ 50, R\$ 100, e vou administrando", conta.

Victor não tem cheque especial nem faz uso de cartões de crédito: "Quando preciso, uso o do meu tio." Ele conta que foi obrigado a fazer muitos cortes no orçamento doméstico e economizar no que é possível. Mesmo sem atrasar os pagamentos, Victor reconhece que é difícil fechar o mês. "De um ano para cá ficou mais difícil acertar as contas", diz ele.

Cuidado com os cartões de crédito

A proporção de inadimplentes chegou ao maior patamar em 12 anos: 29%. E 10,7% admitem que não têm condições de honrar os compromissos. A PEIC é realizada com 18 mil consumidores, distribuídos em todas as capitais do país e no Distrito Federal.

Os cartões de crédito representam a maior fatia das dívidas: 86,6%, segundo pesquisa do Serasa eCred



Morador de Marcílio Dias (Kelson's), Victor Paulo precisa de pequenos empréstimos para fechar as contas do mês

divulgada em maio. Quase metade dos consumidores brasileiros (47%) tem quatro cartões de crédito ou mais. Em seguida, no rol das dívidas, vem os carnês, com 18,3%, e o financiamento de carros, com 10,8%.

Os juros do cartão de crédito para pessoa física alcançaram 364% ao ano, o maior percentual desde agosto de 2017. Já os juros do parcelamento estão em 175,1% ao ano. Ou seja, utilizar cartões de crédito para tentar administrar as dívidas e contas é o pior dos caminhos.

Dívidas são normais?

Segundo **Ricardo Summa**, professor do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), é normal que

famílias tenham dívidas, na medida em que a aquisição de bens (como eletrodomésticos, carros e até a casa própria) exige financiamentos para a maioria da população. O problema é quando há desequilíbrio e as dívidas comprometem uma grande fatia da renda familiar mensal.

"A inflação dos alimentos foi muito alta e o salário real caiu. Para as famílias mais pobres, com renda de dois a cinco salários mínimos, o impacto foi muito forte", explica o pesquisador.

A Análise de Inadimplência Nacional de Pessoas Físicas, executada pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) e pelo Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil), estima que quatro em cada dez



DOUGLAS LOPES

Momento de organizar e pagar os boletos é cada vez mais temido pelos brasileiros, é comum “sobrar mês no fim do salário”

brasileiros estavam negativados em maio. São 62,37 milhões de pessoas. O Rio de Janeiro é o segundo estado com mais endividados: são 6,15 milhões, de uma população de 16 milhões.

Como muitos trabalhadores, a vigilante patrimonial **Simone Tavares Garcia**, de 50 anos, foi demitida em novembro de 2020 e não conseguiu mais achar emprego fixo. “Tenho muitas contas atrasadas. É dívida em cima de dívida, e mais ainda um empréstimo bancário que não consigo pagar”, conta ela.

Simone tem cinco filhos; quatro são casados. Ela vive com uma filha de 17 anos numa casa emprestada na Vila do Pinheiro e conta com o auxílio emergencial e cestas básicas doadas para se manter: “Cortei tudo que podia, mas gasto muito com remédios porque sou diabética.” O marido “faz o que pode”, segundo ela. E os filhos têm os seus próprios problemas para administrar e ajudam quando é possível. “O último ano foi um dos piores”, avalia Simone, preocupada.

Conta não fecha

Em maio, cada consumidor negativado devia, em média, R\$ 3.564,82. Quase quatro em cada dez consumidores (35,14%) tinham dívidas no valor de até R\$ 500. E 50,32% deviam até

R\$ 1.000. A maior evolução das dívidas foi registrada no setor de bancos, com crescimento de 20,16%. O aumento da taxa de juros, que é usada para atualizar as dívidas, contribui para esse cenário. Os juros bancários chegaram a 38,1% ao ano em abril, maior valor em três anos, segundo o Banco Central.

Ricardo Summa observa que houve um crescimento significativo de endividamento das famílias de menor renda. “Quando a família vai se endividando ela perde as melhores fontes de crédito (como o consignado) que têm taxas menores. Se atrasar os pagamentos, ela é obrigada a migrar para fontes de crédito mais caras como os cartões de crédito, empréstimos bancários e até mesmo fontes não legais, como agiotas”, afirma.

Uma boa parte desse endividamento, de acordo com Ricardo, “é para pagar dívidas do passado ou para manter um mínimo padrão de vida, e não para comprar bens duráveis, como seria o normal e até desejável” numa economia capitalista, voltada para o consumo.

Segundo ele, o aumento da taxa de juros vai trazer novos desafios. “Quem já estava endividado vai ter que pagar mais pelas dívidas passa-

das e quem se endividar agora vai enfrentar juros mais altos. Isso vai comprometer uma parcela ainda maior do orçamento familiar”, analisa.

Um levantamento da empresa Paschoalotto, especializada em recuperação de créditos (cobrança de devedores inadimplentes), revelou que 68% dos endividados têm entre 25 e 51 anos. A pesquisa da CNC, por sua vez, mostra que, em julho, o endividamento atingiu 77,5% entre os homens e 80,6% entre as mulheres — o aumento no número de mulheres chefes de famílias é uma das explicações para esses números.

Para recuperar os créditos, a Paschoalotto analisa os perfis de milhares de devedores por mês. E, segundo os dados coletados, 76% dos endividados têm renda de até dez salários mínimos, ou seja, R\$ 12 mil.

Causas

A taxa de desemprego no país ficou em 9,8% no trimestre encerrado em maio, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Até esse mês, o país tinha 10,6 milhões de desempregados — pessoas de 14 anos ou mais que buscaram uma vaga no mercado de trabalho, sem sucesso.

O avanço da informalidade é outro fator que aumenta a incerteza sobre a renda, atrapalhando a gestão das finanças pessoais. O número de trabalhadores informais atingiu o recorde de 39,3 milhões de pessoas no segundo trimestre de 2022, segundo a PNAD Contínua.

Simone e Victor são bons exemplos. Ela, demitida em novembro de 2020, hoje vive de trabalhos informais. Desde a demissão não conseguiu nem emprego fixo nem equilibrar as contas, muito menos livrar-se das dívidas e da inadimplência. Victor tem dois trabalhos sem carteira assinada, sendo um temporário. Mas conseguiu manter a renda durante a pandemia fazendo entregas.

Putz, pisei novamente no cocô

Andar pelas ruas e calçadas do conjunto de favelas da Maré sem sujar o calçado é desafio antigo

HÉLIO EUCLIDES

Ao sair de casa, muitos mareenses podem se sentir dentro de um videogame: desviando de obstáculos para alcançar o prêmio final. No jogo da vida real, o obstáculo mais prosaico que eles encontram é um monte de fezes de animais. Além da sujeira, os dejetos de cães e gatos ainda podem transmitir doenças tanto para as pessoas, quanto para os animais.

Coletar e descartar corretamente as fezes dos animais é fundamental para evitar a contaminação de praças, gramados e áreas públicas, evitando o risco de infecções parasitárias tanto de outros animais como de seres humanos.

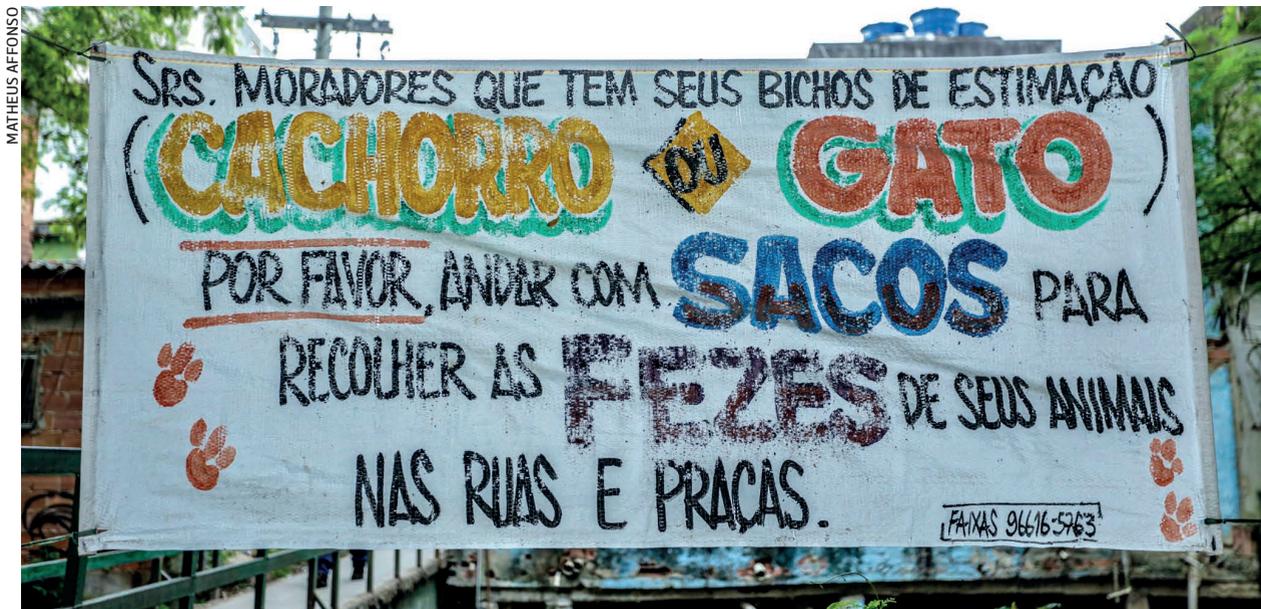
“Acho horrível andar pelas ruas e ver tanto cocô. Quando saio com meu cachorro, levo um saquinho e pego as fezes dele. Espero que mais pessoas tenham esse hábito”, diz **Beatriz de Oliveira**, moradora da Nova Holanda.

Recolher as fezes dos animais das vias públicas deixa as cidades mais limpas. “Eu não tenho cachorro, mas se tivesse, não deixava solto como vejo acontecer. Acho que esse é o motivo de tanta sujeira pelas ruas da Maré”, conta **Josefa Gomes**, também da Nova Holanda.

Segundo a patologista animal **Clarice Macêdo Pessoa**, professora de veterinária da Universidade Federal de Sergipe, em entrevista ao site *A União*, o perigo de dejetos dos pets na rua pode se transferir para os seres humanos: ao pousar nas fezes dos animais, as moscas carregam bactérias e as depositam em alimentos expostos em restaurantes, lanchonetes ou mesmo na casa dos moradores próximos ao cocô dos bichinhos, de rua ou de estimação.

Essa é uma das maneiras das zoonoses, que são doenças transmitidas dos animais para o ser humano e vice-versa, aumentarem sua incidência. São elas parvovirose, verminoses e toxoplasmose, entre outras doenças. Para evitar esses transtornos e contando com o bom senso dos moradores, no Conjunto Esperança faixas recomendam que donos de cães não deixem para trás o cocô dos seus animais das ruas.

É sempre recomendado que os tutores dos animais recolham os dejetos e levem-nos para casa para despejá-los no vaso



Apelando ao bom senso de coletividade, faixas no Conjunto Esperança fazem recomendações aos mães e pais de pet

sanitário ou juntá-los ao lixo doméstico. Além disso, é importante ressaltar que não recolher fezes do cachorro é passível de multa, como prevê o programa Lixo Zero da Prefeitura do Rio. A punição já era prevista na Lei de Limpeza Urbana desde 2001.

Campo de refugiados

O problema das fezes de animais expostas está por toda a cidade do Rio. Uma prova disso é que a matéria mais acessada no site do Maré de Notícias fala do cocô deixado nas ruas. Um dos motivos do problema seria a alta taxa de abandono de animais.

Um exemplo do desamparo dos bichinhos é a grande quantidade de cães e gatos no abrigo SOS Focinhos, localizado na Praia de Ramos. São 300 animais, sendo 170 gatos, que são tratados por cinco protetoras que nunca desistem.

São elas Ana Lúcia Bezerra, Damiana Paulo, Lourdes Silva, (que cuida dos gatos ferais), Elza Silva (ela alimenta os cães de rua) e **Heloisa Gomes**, responsável pelo abrigo. “Não temos nenhum suporte financeiro, fazemos tudo por amor”, diz Heloisa. No abrigo os animais são encaminhados para castração e vacinação.

Ela conta que eles não param de chegar. A maioria é abandonada à beira da Praia de Ramos ou na Avenida Brasil. “Todos os dias trazemos mais, aqui parece um cam-

po de refugiados”, lamenta, acrescentando que, já na chegada, os animais recebem imediatamente alimentação e cuidados médicos. “Falta amor aos donos dos pets. As pessoas tratam os animais como se fossem um objeto ou algo imprestável. Muitos são deixados nas lixeiras”, conta.

Para a protetora de animais, o preço alto da ração contribuiu muito para o abandono; outro motivo seria os custos das vacinas — que, ela defende, deveriam ser gratuitas. Heloisa acredita que o aumento no abandono de animais contribui para o problema do cocô espalhado pelas ruas: “É tudo uma questão de educação, conscientização, respeito à vida e ao meio ambiente.”

Sem ajuda nem dos órgãos governamentais ou do comércio local, ela lamenta a ausência de apoio que faz faltar, em alguns dias, a alimentação dos animais: eles consomem 40 quilos de ração por dia, ou 1.200 quilos por mês. O abrigo também necessita de material de limpeza e para obras de conservação e ampliação. O grupo ainda cuida de 30 gatos em tratamento contra esporotricose (doença altamente contagiosa que impõe o isolamento do animal e medicação constante). Quem desejar ajudar o grupo é só enviar mensagem para: sosfocinhosdamare@gmail.com ou ligar para (21) 99232-9529.

Para informações sobre unidades de atendimento clínico gratuito e esterilização de cães e gatos, acesse nosso site: <https://mareonline.com.br/>.

Vila do João completa 40 anos

Conjunto habitacional caracterizou-se pelo crescimento vertical

HÉLIO EUCLIDES

No dia 9 de setembro, a Vila do João completa 40 anos desde que foi erguida pelo Projeto Rio — são quatro décadas cuja memória não se perdeu por conta das histórias guardadas com carinho por seus moradores. A favela cresceu: hoje tem uma escola municipal, duas creches públicas, quadra de esportes, lotérica, Centro de Referência de Mulheres, Unidade de Pronto Atendimento (UPA), Centro Municipal de Saúde (CMS) e agora, até uma base do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu).

Onde hoje fica a Vila do João antes funcionava o Aeroporto de Manguinhos. No local, o governo federal construiu um conjunto habitacional com 1.400 casas coloridas, erguidas a partir de 1982 — esse era o ano que constava na placa de inauguração, que ficava na Rua Três.

Na edição nº 47 do Maré de Notícias (novembro de 2013), **Sebastião de Souza**, conhecido como Sarinho, mencionou a questão política na fundação da favela. “O nome Vila do João não foi uma homenagem ao presidente João Figueiredo, e sim uma imposição do governo militar. A mesma coisa aconteceu com as creches, batizadas de Tia Dulce, uma alusão à primeira-dama Dulce Figueiredo, e Tio Mário, por causa do ministro do Interior de então, Mário Andreazza”, contou.

Sara Alves recorda com carinho dos momentos vividos na Vila do João de outrora. “Sinto falta das festas juninas lideradas pelas quadrilhas da Damiana e do Araken. Nestes



Onde atualmente fica a Vila do João, uma das favelas da Maré, antes funcionava o Aeroporto de Manguinhos

40 anos, muitos casais se conheceram e vivem aqui, como é o meu caso. Era muito comum ter rodinha de jovens tocando violão, cantoria nas calçadas à noitinha, jogo de vôlei e rodas de capoeira nas ruas”, conta, acrescentando que gosta muito da vizinhança: “A solidariedade é algo que temos e que me faz ter orgulho daqui. A Vila do João vai ser uma quarentona. Como o tempo passa rápido!”

Há moradores que estão no local desde o início. “Estou na mesma casa desde a fundação. Estamos ao lado da Avenida Brasil, tendo como ponto de referência a Fiocruz. Só foi ruim o crescimento rápido, pois há casas na beira do valão, o que prejudica a limpeza, e lojas nas calçadas, o que atrapalha nossa circulação”, reclama **Luiz Rodrigues**, de 60 anos.

Muitos escolheram o local para trabalhar; é o caso de **Marilene Pereira**, conhecida com Nena, técnica em saúde

bucal que atua há 25 anos no CMS Vila do João. “Aqui temos tudo, um lugar que merece elogios. Tenho um sentimento bom pela Vila do João”, resume.

Bodas de esmeralda

Sebastião Lessa, de 62 anos, conhecido como Boi, acredita que pouca gente lembra do aniversário da favela. Segundo ele, muitos foram embora, pois não se adaptaram: “Teve gente que trocou casa por telefone e outros por Fusca. Eu sempre pensei no lado bom, de desejar uma melhor qualidade de vida.” Sebastião só reclama do que chama de arranha-céus — as casas de cinco andares — pois fica com medo de o esgoto e o aterramento não aguentarem.

Sua ideia é a antiga Rua Catorze virar um calçadão de pedestres. “Ninguém mais precisaria concorrer com os carros. Era só fechar e colocar pedras portuguesas. Tem lugar que ensina a gente a viver,

só tenho a agradecer à Vila do João”, diz ele.

Já para **Valtemir Messias**, conhecido como Índio, “a Vila do João é uma comunidade que cresceu muito. É um local que abriu as portas para o empreendedorismo. Na antiga Rua Catorze precisamos implantar controladores de trânsito. O próximo projeto vai ser a instalação de máquinas do Banco 24 horas”, antecipa o atual presidente da Associação de Moradores da Vila do João.

Para presentear a comunidade, Sara Alves fez até uma poesia: *É Vila de Gente*. Seu sonho é ver algumas frases do poema grafitadas em muros da Vila do João:

Vila, você cresceu!

Êta coisa doida: é gente no meio dos carros.

É carro no meio de gente!

Forró, pagode, festas, futebol e muito churrasco.

Êta povo trabalhador, que inventa o que fazer pra sobreviver.

O poder da informação para transformar a favela

Dados pautam políticas públicas, fortalecem moradores e colaboram para melhorias nas regiões periféricas

EDILANA DAMASCENO E VINICIUS LOPES

Faz um mês que os pesquisadores do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) estão nas ruas do país, mas em territórios como a Maré isso não acontecia há pouco mais de 70 anos. Apesar da importância do censo nacional e de outras pesquisas levadas a cabo pelo órgão, especialistas como o cientista político **João Roberto Lopes Pinto**, coordenador do Instituto Mais Democracia, argumentam que nem sempre os levantamentos tradicionais dão conta de retratar a complexidade de territórios como as favelas, a começar pela forma como o IBGE nomeia esses mesmos espaços.

Eles são chamados de “aglomerados subnormais”; recebem essa categorização as áreas de ocupação irregular. “Se esses espaços são considerados aglomerados subnormais, significa que existe o normal, ou seja, a cidade é considerada normal e a favela, anormal”, explica o pesquisador.

Ainda que as metodologias do IBGE levem a resultados que representam o todo em alguns aspectos, outras singularidades ficam de fora. É o que acontece na Maré em re-

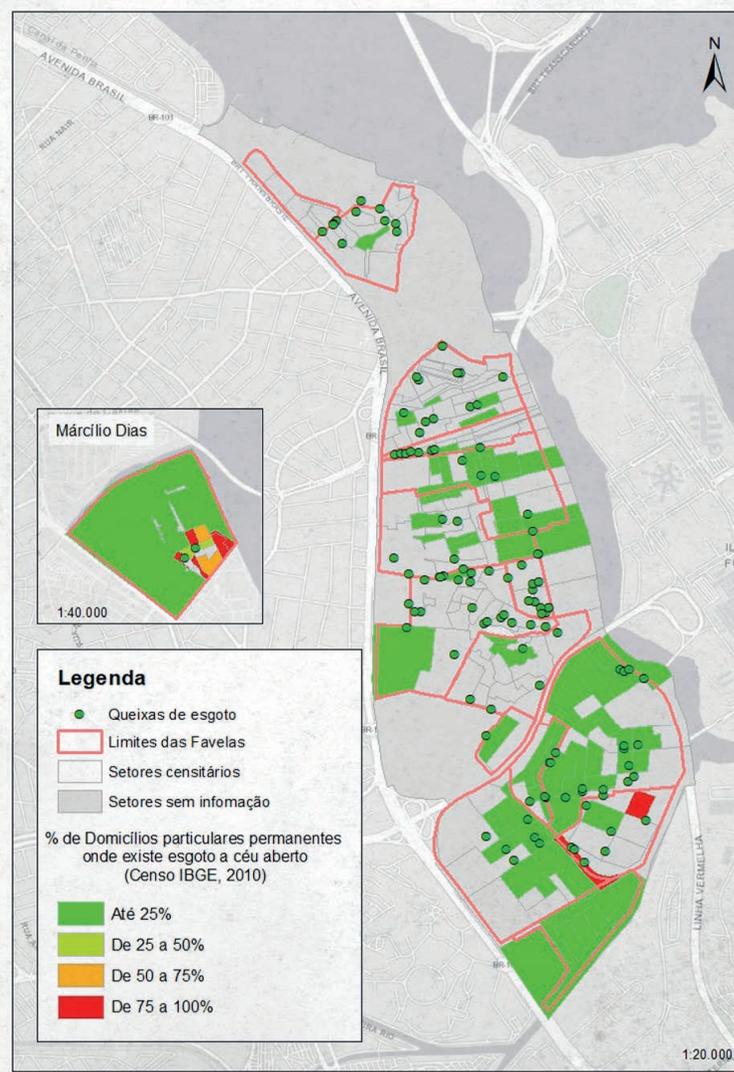
lação ao saneamento básico, por exemplo. O Censo de 2010 do IBGE mostrou que somente 25% dos domicílios da Maré têm esgoto a céu aberto em seu entorno. Contudo, basta caminhar pelo conjunto de favelas para perceber que essa não é a realidade; na verdade, é um problema grave em muitas das localidades.

“É só passar na Bittencourt Sampaio, na Rua Sargento Silva Nunes, no Parque Maré, naqueles ‘miolos’ ali, que você acha muito esgoto a céu aberto. Tem morador que quer fazer um churrasco, ficar na porta batendo papo, e não consegue por causa do mau cheiro do esgoto e do entulho”, diz **Gilmar Gomes**, o Magá, que preside a Associação de Moradores da favela Rubens Vaz.

Produção de dados

Se não há fidelidade nos dados levantados por órgãos públicos, ela é produzida dentro das próprias favelas. É no dia a dia relatado pelos moradores que o Cocôzap mapeia os problemas de esgoto, lixo e água na Maré, com o objetivo de preencher as lacunas deixadas pelos órgãos oficiais de pesquisa. O relatório *Cocôzap: Sistematizando dados e for-*

FONTE: IBGE, 2010; DATA_LABE, 2021



Existência de esgoto a céu aberto no entorno dos domicílios e queixas recebidas pelo Cocôzap

mulando políticas, publicado em agosto pelo data_labe em parceria com a Fundação Heinrich Böll, registrou 120 queixas de moradores referentes a esgotamento sanitário somente entre janeiro e abril de 2021, inclusive nas áreas onde o IBGE não havia identificado a existência do problema. Dessas 120 reclamações, 70 são referentes a esgoto a céu aberto.

Para **Gilberto Vieira**, diretor do data_labe e pesquisador de urbanismo e tecnologias, produzir dados sobre um problema é uma estratégia para mostrar ao poder público a realidade da população — é o conceito compreendido como “geração cidadã de dados”.

“Se o que entendemos por cidadania é uma ideia des-

gastada e em crise, então precisamos ressignificá-la para garantir experiências comuns de ação e transformação social. Nesse sentido, a geração cidadã de dados se propõe a engajar a sociedade civil para usar suas próprias ferramentas a fim de buscar e acumular informação e conhecimento”, explica o pesquisador.

Do pioneirismo da geração cidadã de dados dentro das favelas nasceu o Censo Maré. Fruto de uma parceria entre a Redes da Maré e o Observatório de Favelas, quase 129 mil mareenses foram ouvidos. A partir dessas entrevistas, foram produzidos o Censo Populacional da Maré (2019), o Guia de Ruas da Maré (2014) e o Censo de Empreendimento Maré (2014).



Magá preside a Associação de Moradores de Rubens Vaz e acredita que a Maré é um exemplo de participação social para transformação

GABI LINO

Inclusão digital através dos games

ONG ligada ao AfroReggae chega ao território mareense oferecendo cursos para profissionalizar atletas periféricos nos jogos digitais

DENILSON QUEIROZ

Um conjunto de favelas da Maré recebeu dois polos do *AfroGames*, projeto social do AfroReggae voltado para inclusão digital de jovens periféricos. Desde o dia 16 de julho, cerca de 200 alunos das comunidades do Morro do Timbau e da Nova Holanda têm aulas de inglês e programação de jogos, além de fundamentos para, quem sabe, se tornarem jogadores profissionais de *Valorant*, *Free Fire* e *League of Legends (LoL)*.

Os games sempre fizeram sucesso na favela. Inicialmente, com os consoles domésticos, serviam para juntar a turma para jogar em casa; depois, com a difusão da internet de banda larga, se popularizaram os jogos em rede nas chamadas lan houses e aqueles para redes móveis, preferidos pela maioria dos jovens que usa o celular para jogar.

Segundo a Pesquisa Game Brasil 2021, mais da metade dos gamers (50,3%) é de pretos ou pardos. Entretanto, a luta para profissionalizar jogadores de baixa situação socioeconômica é ainda um desafio.

“Para nós, esse é o grande papel do *AfroGames*: democratizar o acesso e usar os games como ferramenta emancipatória, de transformação e impacto social. O que pretendemos é permitir que estes jovens transponham barreiras sociais e, de repente, cheguem a lugares que não eram previstos”, diz **Mariana Uchoa**, coordenadora executiva e social do *AfroGames*.

Em três anos, o projeto formou cerca de 370 jovens na primeira unidade, localizada em Vigário Geral, e conta com equipes profissionais de diversos games, que disputam campeonatos oficiais — inclusive de *LoL*. Para fazer parte do time profissional do *AfroGames*, é preciso que o atleta esteja bem colocado no ranking interno de *LoL*, que são os chamados elos.

Andrew Vargas, aluno do novo polo do Morro do Timbau, está classificado no elo diamante, que é o primeiro nível para participar da equipe: “Estando no *Afro-*



Gabriel Lima Santos e Geovana Victoria Pereira durante atividade do AfroGames, formação voltada para gamers

Games, pretendo me tornar realmente um *gamer*. Aqui aprendemos dicas de jogabilidade, nos ensinam tudo. Fora o inglês, que vai nos ajudar na comunicação quando tivermos que disputar campeonatos pelo mundo.”

Juntamente com mais 80 alunos do Morro do Timbau, Andrew, que joga *LoL* desde 2013, agora enxerga a possibilidade de seguir carreira nos jogos eletrônicos. O *AfroGames* funciona durante a semana com cursos de capacitação, mas às segundas-feiras deixa que os alunos utilizem o espaço para jogar de maneira livre, aliando a síntese dos *eSports*: diversão e trabalho.

Perfil gamer

A 8ª edição da Pesquisa Game Brasil, divulgada em abril de 2021, trouxe alguns dados interessantes sobre o perfil do *gamer* brasileiro. O estudo mostrou que 51,5% desse público é feminino, com 62,2% delas jogando principalmente no smartphone; 38,1% usam consoles e 59,6% preferem jogar no computador.

Além disso, o público gamer das classes baixa e média está em ascensão e representa 49,7% dos consumidores de jogos. O Brasil ocupa o 33º lugar entre os países com maior cobertura de internet no mundo, segundo relatório também de 2021 divulgado pela DataReportal, empresa que realiza estudos sobre a internet global. Mesmo com a chegada da quinta geração de internet (5G) no país, 89 municípios sequer têm a cobertura 4G, segundo dados da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel).

Ainda assim, seja no PC ou no celular, os jovens brasileiros têm dedicado cada vez mais tempo e energia aos jogos digitais e, há alguns anos, consideram como possibilidade de profissão o que antes era apenas um hobby.

Em 2016, a equipe Luminosity Gaming, liderada pelo atleta Gabriel “FalleN”, venceu o MLG Columbus 2016, primeiro campeonato mundial de Counter Strike. A equipe brasileira faturou o prêmio de US\$ 500 mil (mais de R\$ 2,5 milhões).

